

POLÍTICAS EDUCATIVAS: Globalização e Governação da Educação:

Autor: **Doutor Carlos Lopes da Graça** - Universidade Gregório Semedo

Email: carlospico2141@yahoo.com

O objectivo desta comunicação consiste em analisar no Pensamento Político - educativo Global desta época de inovação e mudanças, que actualmente vivenciamos, a questão da Globalização e Governação do Ensino Superior, no âmbito do processo de aprofundamento da integração Global de todos países, com ênfase nas novas políticas em Educação (Integração/Inclusão).

Neste contexto é preciso ter em conta que sendo a Globalização um processo que diz respeito à forma como os países interagem e aproximam pessoas, ou seja, interliga o mundo, levando em consideração aspectos económicos, sociais, culturais e políticos, constitui um mecanismo de promoção da concorrência provocando desta forma o aumento da produção e qualidade, com base na inovação científica, no âmbito do qual a Educação Superior constitui tema central.

Posto isto, importa realçar que o actual modelo político de governação da educação utilizado em Portugal, nosso país de referência está esgotado, tendo dado provas de que não é eficaz, pelo menos, perante os novos e instáveis desafios desencadeados no âmbito da crise que se vai vivenciando e intensificando a escala mundial.

Nesta perspectiva, será preciso adoptarmos novas estratégias de adaptação a um tempo novo, aonde o paradigma da educação de todos ao longo de toda a vida poderá iluminar e condicionar o desenvolvimento da educação. Significa que a educação carece de uma nova abordagem no âmbito da qual será necessário identificar novas perspectivas para a educação na “Sociedade do Conhecimento”, da educação escolar a educação social, e discernir o lugar da “nova escola” em cada país, com especial realce para as populações especiais.

Palavras Chave: *Globalização, Governação, Gestão da Educação*

OBJECTO DE ESTUDO

Como entender povos culturalmente diferentes? De que forma podemos eliminar barreiras linguísticas? Como atenuar ou mesmo colmatar o racismo, a xenofobia e a discriminação de minorias étnicas? Como aproximar as populações dos países e regiões que utilizam a mesma língua oficial? Estas são algumas questões que poderão ser resolvidas através da intensificação do Processo de Globalização, mas vejamos então como emerge este processo tão importante para as diversas sociedades espalhadas pelo nosso planeta:

É do conhecimento de todos que antigamente pensava-se que os continentes encontravam-se separados por intransponíveis extensões acidentadas de terra e de águas, de oceanos e mares, que faziam com que cada povo vivesse isolado dos demais. De facto até o século XVIII, identificou-se 5 economias-mundo (é uma expressão de Fernand Braudel), totalmente autónomas, espalhadas pela Terra e que viviam separadas entre elas:

A primeira delas, a da Europa, era composta pelas cidades italianas de Gênova, Veneza, Milão e Florença, que mantinham laços comerciais e financeiros com o Mediterrâneo e o Levante onde possuíam importantes feitorias e bairros comerciais;

Bem mais ao norte, na França setentrional, vamos encontrar outra área comercial significativa na região de Flandres, formada pelas cidades de Lille, Bruges e Antuérpia, vocacionadas para os negócios com o Mar do Norte;

No Mar Báltico entrava-se a Liga de Hansa, uma cooperativa de mais de 200 cidades mercantes lideradas por Lübeck e Hamburgo, que mantinham um eixo comercial que ia de Novgorod, na Rússia, até Londres na Inglaterra;

No sudeste europeu, por então, agoniza o comércio bizantino (que actuava no mar Egeu e no mar Negro), pressionado pela expansão dos turcos que terminaram por ocupar a grande cidade em 1453, enquanto que a Rússia via-se limitada pelos Canatos Mongóis que ocupavam boa parte do leste do país;

Outra economia-mundo era formada pela China e regiões tributárias como a península coreana, a Indochina e a Malásia, e que só se ligava com a Ásia Central e o Ocidente através da rota da seda. O seu maior dinamismo económico encontrava-se nas cidades do sul como Cantão e do leste como Xangai, grandes portos que faziam a função de vasos comunicantes com os arquipélagos do Mar da China;

A Índia, por sua vez, graças a sua posição geográfica, traficava num raio económico mais amplo. No noroeste, pelo Oceano Índico e pelo Mar Vermelho, estabelecia relações com mercadores árabes que tinham feitorias em Bombaim e outros portos da Índia ocidental, enquanto que comerciantes malaios eram acolhidos do outro lado, em Calcutá. Seu imenso mercado de especiarias e tecidos finos era afamado, mas só pouca coisa chegava ao Ocidente graças ao comércio com o Levante. Foi a celebração das suas riquezas que mais atraiu a cobiça dos aventureiros europeus como o lusitano Vasco da Gama;

Subdividida pelo deserto do Saara numa África árabe ao Norte, que ocupa uma faixa de terra a beira do Mediterrâneo e Vale do rio Nilo, com relações comerciais mais ou menos intensas com os portos europeus e, ao Sul, numa outra África, a África negra, isolada do mundo pelo deserto e pela floresta tropical, formava um outro planeta económico totalmente a parte, voltado para si mesmo;

Por último, mas desconhecida das demais, encontrava-se aquela formada pelas civilizações pré-colombianas, a Azteca no México, a dos Maias no Yucatan e no istmo, e a Inca no Peru, organizadas ao redor do cultivo do milho

e na elaboração de tecidos, sendo elas auto-suficientes e sem interligações entre si, nem terrestres nem oceânicas.

Isto significa que, durante milhares de anos as referidas economias desconheciam-se e nem imaginavam que algum dia poderiam estabelecer relações significativas.

Posto isto, é importante realçar o facto da internacionalização do comércio e a aproximação das culturas, que culminaram na Globalização, ser um fenómeno recentíssimo.

Uma das definições de Globalização que reúne maior consenso a nível internacional considera-o como sendo um processo económico e social que estabelece uma integração entre os países e as pessoas a escala mundial, possibilitando as pessoas, os governos e as empresas trocarem ideias, realizarem transacções financeiras e comerciais.

Dados dos historiadores alegam que o Processo de Globalização teve início nos séculos XV e XVI com as Grandes Navegações e Descobertas Marítimas, no âmbito do qual os Europeus entraram em contacto com povos de outros continentes, estabelecendo relações comerciais e culturais.

Segundo Frédéric Mauro, este processo emerge em dois momentos, um que vai de 1492 até 1792 (data quando, segundo ele, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial fazem com que a Europa, que liderou o processo inicial da globalização, voltou-se para resolver suas disputas e rivalidades), só retomando a expansão depois de 1870, quando amadureceram as novas técnicas de transporte e navegação como a estrada-de-ferro e o navio à vapor.

A globalização efectivou-se de facto no final do século XX, logo após a queda do socialismo no Leste Europeu e na União Soviética e actualmente é aceitável afirmar que sobrevive apenas uma superpotência mundial: os Estados Unidos. É a única que tem condições operacionais de realizar intervenções militares em qualquer canto do planeta (Kuwait em 1991, Haiti em 1994, Somália em 1996, Bosnia em 1997, etc..).

4 Pós Doutorando em Avaliação e Qualidade do Ensino Superior; Doutor em Didáctica e Organização Educativa, com especialidade em Métodos de Investigação e Diagnóstico em educação, pela Universidad de Sevilla - Espanha; Docente Investigador, Chefe do Departamento de Psicologia e Assessor de Planeamento Avaliação e Promoção da Qualidade pela Universidade Gregório Semedo.

Relativamente a Educação importa realçar que, como é óbvio, a questão da globalização está afectando a política educacional em vários Estados ao redor do mundo. Segundo os especialistas desta linha de raciocínio, vários são os conceitos considerados central para entender o impacto específico da globalização sobre as políticas e práticas educacionais, de entre os quais poderemos destacar: "Inclusão", "Estado", "reestruturação", "reforma", "administração", "feminismo", "identidade", "cidadania", "comunidade", "multiculturalismo", "novos movimentos sociais", "cultura popular" e o "local" (em oposição/relação ao "global").

Seguindo os concelhos dos referidos especialistas, no presente estudo, abordar-se-á apenas um conceito, optando desta forma para o das Políticas Educativas denominadas de Integração e Inclusão dos alunos com NAES nas escolas e classes regulares, um conceito que estudei bastante no âmbito do meu Doutoramento que fiz na Universidade de Sevilla em Espanha e que implica mudança nas relações, nas práticas e nos arranjos institucionais para adaptar à diversidade da população discente. O foco deste trabalho é analisar como o repensar essas ideias básicas que sugerem mudanças fundamentais na maneira como as sociedades estão elaborando políticas e práticas educacionais. Estas discussões contêm implicações específicas e concretas para a forma como a educação está mudando, e deverá mudar, em resposta as referidas circunstâncias novas, salienta mais ainda a questão da diversidade existente na população discente.

Nesta perspectiva, os educadores, em particular, devem reconhecer a força dessas tendências e enxergar as suas implicações para moldar e limitar as escolhas disponíveis de políticas e práticas educacionais mais adequadas, enquanto também resistem à retórica da "inevitabilidade" que frequentemente motiva a prescrição de certas políticas

A questão que enfrenta-se agora é: qual é o impacto da Globalização a nível das políticas educativas (Integração e Inclusão), respectiva governação/Globalização, bem como as respectivas ameaças a nível da au-

tonomia de sistemas educacionais, nacionais e a soberania do Estado, como regente soberano em sociedades democráticas?

É preciso ter em conta que, actualmente a universidade é considerada como sendo uma instituição pluridisciplinar de formação dos quadros de profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano que, por um lado provê educação tanto terciária (graduação) quanto quaternária (pós-graduação), pelo que gozam de autonomia para executar suas finalidades. Significa que através da extensão universitária ou académica as Universidades deverão desencadear determinadas acções junto à comunidade, disponibilizando ao público externo o conhecimento adquirido com o ensino e a pesquisa desenvolvidos.

Neste contexto, a Globalização, seguindo o seu curso natural, irá enfraquecer cada vez mais os estados-nacionais surgidos há cinco séculos atrás, ou dar-lhes novas formas e funções, fazendo com que novas instituições supranacionais gradativamente os substituam.

Conclui-se que, provavelmente ainda no presente século a humanidade poderá finalmente conhecer um governo universal, atingindo-se assim o sonho dos filósofos estóicos do homem cosmopolita, aquele que se sentirá em casa em qualquer parte da Terra, temendo-se apenas a possibilidade deste processo não ser pacífico, como tem sido em relação a algumas iniciativas por parte do poderoso, Estados Unidos da América.

MÉTODO

PARTICIPANTES

Participaram neste estudo 30 docentes/investigadores pertencentes a diversas culturas, que foram submetidos a investigação quantitativa com recurso ao inquérito por questionário e ainda a um especialista, desta feita através de investigação qualitativa, com recurso a aplicação de um guião de entrevista. Todos os inquiridos estão ou estiveram vinculados a área da docência universitária no país e/ou no exterior.

Recorreu-se ainda a observação participante.

MATERIAL

Aproveitando o facto de trabalhar num campus universitário no âmbito do qual trabalham docentes de diversas culturas, foram utilizados a observação participante, um questionário para os docentes/investigadores e um guião de entrevista para um especialista desta linha de raciocínio (contendo informações sobre políticas educativas, conceito, ideias e opiniões acerca da Globalização e Governança da Educação bem como dos processos necessárias a efectivação dos aspectos que possibilitam a viabilização da qualidade total do ensino universitária Globalizado.

PROCEDIMENTO

Após obter, uma lista de docentes/investigadores que integram docentes de vários países e regiões de Língua Portuguesa, o pesquisador entrou em contacto com estes e com um especialista desta linha de raciocínio para expor a intenção de realizar o estudo. Deste modo foi agendado as datas e horários para inquirir esta população alvo. Após a recolha dos dados, fez-se uma leitura ampla do material obtido. Em seguida realizou-se a análise de conteúdo relativamente a entrevista e a análise quantitativa relativamente ao questionário.

RESULTADOS, DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentou alguns dados que permitiram uma reflexão sobre os aspectos que têm permeado as diversas Políticas utilizadas no âmbito educativo e respectivo impacto a nível da Globalização e Governação. Os principais resultados apontaram que a educação nas universidades foi vista pelos referidos inquiridos sob diferentes enfoques, desde do impacto das diversas políticas educativas na Governação da Educação até definições mais relativas a Globalização da Educação, e respectivo impacto em termos de qualidade do ensino, com ênfase nas novas políticas educativas. A postura da maioria dos participantes evidencia uma posição favorável a Globalização no âmbito da Governação da Educação nas universidades, mesmo sabendo que este facto intensifica os desafios a nível qualitativo.

Tanto os docentes/investigadores como o especialista mostraram que a grande maioria de universidades dos países e regiões, com ênfase nos de Língua Portuguesa, menos desenvolvidos, não estão devidamente preparadas para a Globalização da Educação, e que os respectivos docentes não aplicam as práticas educacionais essenciais à globalização dado a fraca preparação e empenho da população discente.

Os dados obtidos vêm reafirmar a necessidade de que os agentes e gestores educacionais sejam consultados e participem activamente das mudanças e transformações ocorridas no âmbito escolar, Machado (2003). Suas experiências e seus questionamentos são fontes de informações relevantes acerca da realidade escolar e precisam ser levados em consideração no momento em que os órgãos governamentais decidem os rumos da educação.

A concepção actual de Globalização sustenta que esta política deveria ser adoptado nas também nas universidades dos países e regiões de Língua Portuguesa menos desenvolvidos, em detrimento do modelo normalmente utilizado no âmbito do processo educativo, que de uma forma geral, não tem

vido o mais adequado, acabando por comprometer a qualidade que consequentemente desencadeia dificuldades no mundo laboral, culminado em contratações de estrangeiros em detrimento de uma boa parte dos nativos recém com formação superior.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Braudel, Fernand - Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII- Editora Martins Fontes, São Paulo, 1996, 3 vols.

Carrion, Raul K.M., Vizontini, Paulo G. - Globalização, neoliberalismo, privatizações, Editora da Universidade, UFRGS, Porto Alegre, 1997

Chaunu, Pierre - Conquista y explotación de los nuevos mundos - Editorial labor, Barcelona, 1973

Herkscher, Eli F. - La epoca mercantilista - Fondo de Cultura Económica, Mexico, 1943

Kennedy, Paul - Preparando para o século XXI - Editora Campus, Rio de Janeiro, 1993

Mauro, Frédéric - La expansión europea (1600-1870) - Editorial Labor, Barcelona, 1968

Wallerstein, Immanuel - El sistema mundial, Siglo XXI editores, México, 1984, vol I e II

Alvarez Mendez, J.M. (1993). El alumnado: la evaluación como actividade crítica de aprendizaje.

BENEDITO V.; Ferreiras V.; Ferrer, V. (1995). La Formación Universitaria a Debate. Barcelona: Universidade de Barcelona, Editorial Gráfica Nueva.

COTESÃO, Luísa (1993). Avaliação Formativa – Que Desafios? Porto: Edições Asa.

DAMAS, Maria; De Ketele (1985). Observar para Avaliar. Coimbra: Livraria Almedina;

ANTUNEZ, S. (1994). “La participación como factor de calidad educativa. Madrid: Santillana.

DAMIÃO, H. (1996). Pré, inter e pós acção. Planificação e Avaliação Pedagógica. Minerva. Coimbra;

BARBIER, J. M. (1993). Elaboração de Projectos de Acção e Planificação. Porto Editora.

AZEVEDO, Mário (1994): *Teses, relatórios e trabalhos escolares – Sugestões para a sua elaboração*. Lisboa, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Departamento de Educação;

BAUTISTA, R. (1997), *Necessidades Educativas Especiais*, Lisboa: Dina Livro;

BAUTISTA, Rafael., (1997) *Necessidades Educativas Especiais*, Lisboa, Dinalivro;

BELTRÁN, J. et al., (1984). *Psicología de la educación*. Compostela, Eudema;

BOGDAN, Robert & BIKLEN, Sari (1994). *Investigação qualitativa em educação – Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto, Porto Editora;

BRAVO, R. Sierra (1991). *Técnicas de Investigación Social*. Madrid, Editorial Paraninfo;

BLANCO, Rosa. *Aprendendo na diversidade*. Transcrição da Conferência “*Aprendendo en la Diversidad: Implicaciones Educativas*”. III c BLOM, B. Hastings e MADAUS (1971). *Handbook on Formative and Sumative Evaluation of Student Learning*. New York: McGraw-Hill Book Company;

CARVALHO, J. (2002), *Metodologia do trabalho científico*, Lisboa: Escolar Editora;

“Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade (1994: Salamanca)”. *Declaração de Salamanca e Linha de Acção sobre necessidades educativas especiais – 2a ed.* – Brasília: CORDE, 1997;

CORREIA, Luís Miranda (2007) *Alunos com NEE nas classes regulares: Coleção Educação Especial*, Porto Editora, LDA;

CORREIA, Luís de Miranda (2003). *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais*. Porto, Porto Editora;

“Declaração Mundial sobre Educação para Todos”. *Plano de Acção para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem*. Nova Iorque: WCEFA: 1990;

HILL, Manuela M.; HILL, Andrew (2005). *Investigação por questionário*. Lisboa, Edições Sílabo;

RAYMOND Quivy, L. V. Campenhoudt. (1992) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa, Gradiva – Publicações, Lda;

SASSAKI, Romeu K., (1997) Inclusão: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA;

DUBAR, Claude (1990). La Formtion Professionnelle Continue. Paris: Editions La Découverte;

ERASMIE, Thord; LIMA, Lícínio C. (1989). Investigação e Projectos de Desenvolvimento e Educação: Uma Introdução. Braga: Universidade do Minho;